

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Jéssica Paloma de Souza

OS SURDOS E O ESPORTE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Campinas – SP
2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Jéssica Paloma de Souza

OS SURDOS E O ESPORTE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Graduação
da Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Bacharelado e
Licenciatura em Educação Física

Este exemplar corresponde à redação
final do trabalho de conclusão de curso
de graduação defendida por Jéssica
Paloma de Souza, com aprovação pela
Comissão Julgadora em: 05/12/2019.

Orientador: Prof. Dr. Edison Duarte

Campinas - SP

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

So89s Souza, Jéssica Paloma de, 1991-
Os surdos e o esporte : uma revisão integrativa / Jéssica Paloma de Souza. –
Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Edison Duarte.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Surdos. 2. Esporte. 3. Revisão integrativa. 4. Cultura. I. Duarte, Edison. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The deaf and the sport: an integrative review

Palavras-chave em inglês:

Deaf

Sport

Integrative review

Culture

Titulação: Bacharel e Licenciado

Banca examinadora:

Thálita Gonçalves Santos

Data de entrega do trabalho definitivo: 05-12-2019

BANCA JULGADORA

Prof. Dr. Edison Duarte

Orientador

Thálita Gonçalves Santos

Banca

AGRADECIMENTOS

Durante muito tempo pensei sobre o que escrever neste momento, gostaria que fosse algo épico, entretanto, acho difícil qualquer coisa ser épica o suficiente para expressar de modo adequado a satisfação e felicidade que estou sentindo por finalmente finalizar essa fase da minha vida.

Por muito tempo acreditei que não seria possível chegar até aqui e quando cheguei percebi o quanto sou uma pessoa sortuda e abençoada, rodeada por pessoas maravilhosas.

Agradeço em primeiro lugar a minha mãe, Luzia, mulher maravilhosa, mulher de garra, suportou todas as dificuldades da graduação junto comigo, sempre me apoiando quando nem mesmo ela tinha de onde tirar forças. Obrigada mãe, sem a senhora – e pela senhora – eu nunca teria chegado aonde cheguei, agradeço imensamente a Deus e ao universo por me deixar nascer sua filha.

Sou grata às amigas que fiz nesses anos todos e que permaneceram firme ao meu lado mesmo quando o tcc me transformava em uma pessoa insuportável. Ao Paulo, que sempre pegava livros para mim na biblioteca já que eu sempre estava bloqueada por atraso. Ao Augusto, que sofreu comigo nos estágios em intermináveis horas de ônibus e nas dificuldades em sermos os últimos de nossos respectivos anos da faculdade. Kelvin, que sempre escutava pacientemente meus problemas acadêmicos mesmo que eles fossem absurdamente chatos e sempre me dava uma dose extra de apoio. Lari, que estava sempre rezando comigo quando eu estava desesperada e sempre me escutando em meus momentos aleatórios que são muito frequentes. Frida, minha cadelinha sem raça definida que estava sempre pronta para me animar nas horas de tristeza, abanando sem parar seu rabinho torto em formato de “c” e querendo brincar sempre quando eu não podia brincar. As meninas que moram comigo, Amanda, Malky e Isabela, que estavam o tempo todo me dando forças no processo de monografia – e da graduação em geral - sempre me fazendo café para me manter acordada.

Meu eterno muito obrigada a todos vocês! Sem esse apoio que me deram, muitas vezes sem perceber, teria sido extremamente mais difícil passar por esse processo e sair dele de forma sã, embora eu duvide um pouco se realmente permaneci com a sanidade mental ilesa.

Agradeço também ao meu orientador, professor Edison, pela enorme paciência com uma pessoa extremamente desorganizada como eu. Obrigada professor, prometo melhorar e não fazer meus próximos orientadores sofrerem como fiz com o senhor.

E finalmente, agradeço a Deus, por ter colocado esse conjunto de pessoas na minha vida e me dado forças mesmo quando eu achava que não era mais possível seguir em frente.

RESUMO

Os surdos são uma minoria cultural e linguística que muitas vezes acabam excluídos por viverem em um mundo predominantemente ouvinte, o esporte é capaz de proporcionar a essa população a socialização necessária para compensar essa lacuna, além de oferecer diversos outros benefícios oriundos da prática esportiva. Este estudo teve o propósito de identificar as publicações que relacionavam a população surda com o esporte, através da revisão de literatura e do método de revisão integrativa. Em conclusão, terminamos por consultar 19 artigos que enquadraram os critérios da pesquisa. Com a leitura e análise destes artigos, discutimos os conteúdos trazidos por eles e apontamos ausências e questionamentos para futuras pesquisas. Em conclusão, declaramos que o presente tema ainda tem muito a ser refletido e pesquisado a fim de desvincular determinados pré-conceitos e agregar a formação do profissional de educação física.

Palavras-chave: Surdos; Esporte; Revisão integrativa; Cultura

ABSTRACT

The deaf are a cultural and linguistic minority that often end up excluded because they live in a predominantly listening world. Sport is able to provide this population with the socialization necessary to compensate for this gap, and offers many other benefits from sports. This study aimed to identify publications that related the deaf population to sport through literature review and the integrative review method. In conclusion, we ended up consulting 19 articles that fit the search criteria. With the reading and analysis of these articles, we discuss the contents brought by them and point out absences and questions for future research. In conclusion, we declare that the present theme still has much to be reflected and researched in order to unlink certain preconceptions and add the formation of the physical education professional.

Keywords: Deaf; Sport; Integrative review; Culture

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Resultados da busca sistemática nas bases de dados.....	18
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Artigos que relacionam surdos e o esporte.....	20
Quadro 2. Métodos e instrumentos utilizados nas pesquisas.....	22

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICSD	International Committee of Sports for the Deaf
MEDLINE	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
SciELO	Scientific Electronic Library Online
WSI	Woman Sport International

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. OBJETIVOS.....	15
Objetivo Geral.....	15
Objetivos Específicos.....	15
3. MÉTODOS.....	16
4. RESULTADOS.....	20
4.1 Categorização dos artigos selecionados.....	20
4.2 O surdo.....	23
4.3 O esporte.....	27
5. DISCUSSÃO.....	30
6. CONCLUSÃO.....	48
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	51

1. INTRODUÇÃO

Dois eventos específicos podem ser responsáveis por instigarem a realização da presente pesquisa. O primeiro foi quando o ensino de LIBRAS entrou para o currículo obrigatório da universidade e ao longo da disciplina uma surda nos visitou, o constrangimento apenas ao imaginar a dificuldade que teríamos de nos comunicar e o medo de não nos entendêssemos quase fez alguns de nós abandonarmos a aula aquele dia, mais adiante, ao nos prepararmos para um trabalho, uma colega perguntou se os surdos participavam dos Jogos Paralímpicos e não soubemos responder de imediato.

Avançando um pouco no tempo, já com o básico – destaco mais uma vez: o básico! - aprendido na matéria de LIBRAS, fomos trabalhar um dia com um grupo de dez adolescentes surdos acreditando que tudo estaria bem, o resultado foi que se não houvesse uma das adolescentes que fazia leitura labial a aula teria sido impossível de acontecer.

Percebeu-se com estes eventos o despreparo como futuros profissionais para lidar com essa população, confiando que apenas o básico seria suficiente e temendo uma aproximação de uma pessoa de cultura linguística diferente, já imaginando e prevendo os problemas de comunicação antes mesmo que eles acontecessem quando eles poderiam simplesmente nunca realmente acontecer.

De acordo com o censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), por volta de 9,7 milhões declararam possuir deficiência auditiva, destes, mais de 300 disseram não ouvir de modo algum. Em nossa carreira como profissionais do esporte, em uma sociedade que felizmente trilha o caminho da expansão da diversidade, em algum momento vamos nos deparar com esta população que pode ter desde uma pequena perda de audição ou não escutar nada em absoluto (IBGE, 2010).

Estas questões nos fazem indagar se estamos profissionalmente preparados para dar o suporte necessário e adequado para que essa população

desfrute do esporte desde o aprendizado até o alto rendimento e se há respaldo suficiente na literatura para nos apoiar nisso.

Com isso em mente, a presente monografia teve a intenção de identificar as pesquisas científicas que compartilhassem os temas Esporte e o Surdo, para posteriormente analisarmos como estão às pesquisas nesse campo e talvez a necessidade de expandi-lo.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Verificar os artigos publicados sobre Esporte que apresentaram os surdos como seu público alvo de estudo, mediante a revisão de literatura.

Objetivos Específicos

- Identificar e categorizar os temas explorados nas bibliografias encontradas;
- Discorrer sobre o desenvolvimento e lacunas da pesquisa relacionada ao esporte e a população surda;
- Assinalar a importância do entendimento do tema pela sociedade e profissionais de educação física bem como o potencial de investigações futuras.

3. MÉTODO

A razão de se utilizar a revisão da literatura sistemática é porque esta demanda a criação de um resumo pautado nos estudos já existentes sobre o tema e criar um grande entendimento sobre o mesmo, trata-se do passo inicial para a criação do conhecimento científico, já que é por meio desse procedimento que se identificam as falhas e despontam novas ideias e possibilidades de pesquisas sobre determinado assunto (BOTELHO, CUNHA; MACEDO, 2011).

Dentro do grupo da revisão sistemática existe a meta análise, revisão sistemática, revisão qualitativa e revisão integrativa (MOREIRA, 2014). Esta última, revisão integrativa, foi o método escolhido para a realização desta pesquisa.

Na revisão integrativa é fundamental que as etapas do processo sejam devidamente descritas (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). O método da revisão integrativa da literatura consiste em seis etapas:

- **1ª Etapa: Identificar o tema e selecionar a questão da pesquisa.**

Este tópico será o norteador da pesquisa, aqui se seleciona o tema, a pergunta da pesquisa, a definição dos descritores e das bases de dados.

Nesta pesquisa o tema norteador foi: a relação entre esportes e a população surda. Enquanto a pergunta central para a elaboração do estudo foi: Qual a relação da pesquisa científica com os surdos que praticam esportes?

As bases de dados estabelecidas para a realização da busca de artigos foram a SPORTDiscus, a Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e a Scientific Electronic Library Online (SciELO). Os descritores foram decididos por: “esporte”, “esportes”, “surdo” e “surdos” em português e “sport”, “sports” e “deaf” em inglês. A escolha do termo surdo ao invés de surdez deu-se a intenção de encontrar estudos também pela perspectiva sócio cultural e não apenas pelo olhar patológico.

Os descritores então foram cruzados da seguinte forma: esporte AND surdo, esportes AND surdo; esporte AND surdos, esporte AND surdos em português e sport AND deaf, sports AND deaf em inglês.

Essa combinação foi aplicada nas três bases de dados selecionadas (SPORTDiscus, MEDLINE e SciELO).

- **2ª Etapa: Estabelecer critério de inclusão e exclusão.**

Na realização dessa pesquisa os critérios de inclusão seguiram o seguinte parâmetro: publicações nos idiomas de Português e Inglês, com um recorte temporal de 2010 a 2019 e que estavam disponíveis na íntegra.

Por sua vez, os critérios de exclusão foram: artigos duplicados e que não tratavam sobre Esporte e os Surdos nem mesmo de maneira superficial e aqueles que não pertenciam a revistas científicas.

- **3ª Etapa: Identificar os estudos pré-selecionados e selecionados.**

Após ler os títulos, resumos e palavras chaves das publicações encontradas, como resultado, 19 artigos foram selecionados para a realização do estudo. A Figura 1 a seguir ilustra essa sequência de ações para melhor entendimento.

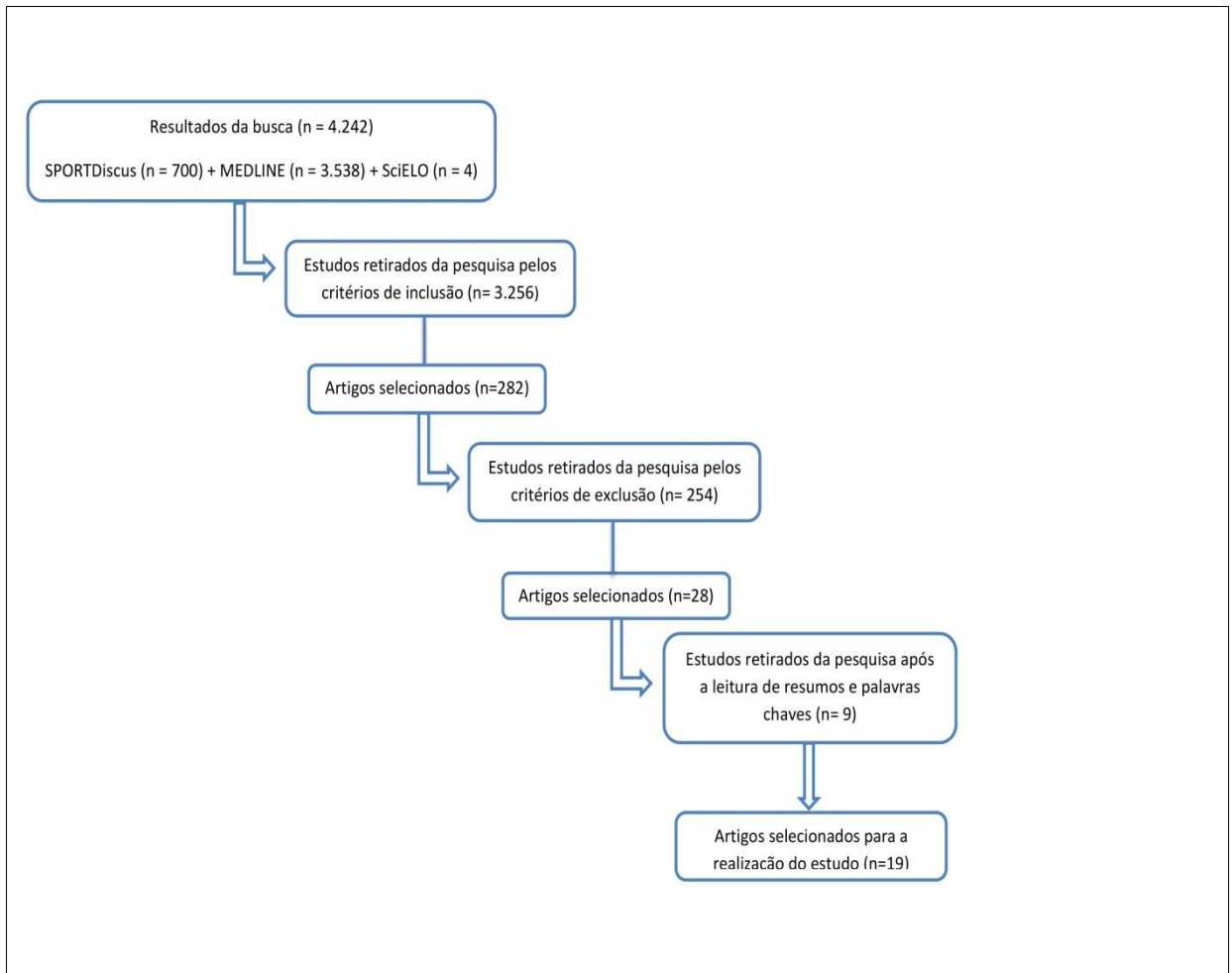


Figura 1. Resultados da busca sistemática nas bases de dados

- **4ª Etapa: categorizar os estudos selecionados.**

Os 19 artigos selecionado foram lidos na íntegra e categorizados de acordo com o seguinte parâmetro: de acordo com os conteúdos relacionados ao esporte e a população surda.

- **5ª Etapa: Analisar e interpretar os resultados.**

Seguindo o parâmetro descrito na etapa quatro, realizamos a análise dos resultados, a discussão e a posterior realização da conclusão da pesquisa.

- **6ª Etapa: Apresentar a revisão/síntese do conhecimento.**

Ao descrever minuciosamente o procedimento realizado na elaboração desta pesquisa é possível replicá-la e compartilhar os resultados, contribuindo com a expansão do conhecimento sobre o tema e instigando novos estudos.

4. RESULTADOS

Primeiramente apresentaremos a categorização dos artigos selecionados e após realizaremos uma breve introdução a respeito dos surdos e também sobre o esporte, com base em autores da literatura, a fim de auxiliar um melhor entendimento da discussão.

4.1 Caracterização dos artigos selecionados

Os artigos selecionados para serem analisados foram ordenados de forma cronológica No Quadro 1 com o objetivo de simplificar a observação e estudo dos mesmos.

Quadro 1. Artigos que relacionam surdos e o esporte.

Autores e ano	Título	Participantes
Kurková, Válková e Scheetz (2011).	“Factors impacting participation of European elite deaf athletes in sport”	Atletas
Arsic, Zrnzevic e Krulj-Draskovic (2011),	“Comparasion sports results deaf students reached at the school championships”	Alunos
Ammons e Eickman (2011)	“Deaflympics and Paralympic: erradicating misconceptions”	Atletas
Hartman, Houwen e Visscher (2011)	“Motor skill performance and sports participation in deaf elementar school children”	Alunos
Nakajima et al (2012)	“Evaluation of vestibular and dynamics visual acuity in adults with congenital deafness”	Atletas
Arsic, Svetlana e Jasmina (2012)	“Sports activities as a Factor in Socialization of Deaf Students”	Alunos

Ellis, Lieberman e Dummer (2013)	"Parent influences on physical activity participation and physical fitness of deaf children"	Crianças e seus pais
Ulrich e Egbert, 2013	"Teaching olympic fencing to the deaf: identifying and addressing a gap in teaching the sport"	Alunos e atletas
Ho et al (2015)	"Examining the relationship between perfectionism dimensions and burning out symptoms in deaf and hearing athletes"	Atletas
Uchida, Marsh e Hashimoto (2015)	"Predictors and correlates of self-esteem in deaf athletes"	Atletas
Arsic, Stankovic e Zrnzevic (2015)	"Na analysis of the results achieved by deaf male and female athletes from around the world in certain athletic disciplines"	Atletas
Kurková e Scheetz (2016)	"Communication strategies used by physical education teachers and coaches in residential schools foot the deaf in the U.S."	Professores de educação física e treinadores
Nemcek (2016)	"Quality of life of people with disabilities from sport participation point of view"	Praticantes de esportes
Clark e Mesch (2016)	"A global perspective on disparity of gender and disability for deaf female athletes"	Atletas
Andrade e Castro (2017)	"Níveis de atividade física: um estudo comparativo entre adolescentes surdos e ouvintes"	Alunos
Brancaleone, Shingles e DeLellis (2017)	"Deaflympians satisfaction with athletic training services at the 2013 Deaflympic summer games"	Atletas
Altaieb et al (2017)	"The impact of educational course for swimming on free style swimming performance and life skills for deaf students"	Alunos
Akinoglu e Kocahan	"The effect of deafness on the physical fitness"	Atletas

(2019)	parameters of elite athletes”	
Akinoglu e Kocahan	“Stabilization training versus equilibrium	Atletas
(2019)	training in karate athletes with deafness”	

Dos artigos selecionados, 18 são de origem internacional, sendo cinco deles de revistas dos Estados Unidos (HARTMAN; HOUWEN; VISSCHER, 2011; NAKAJIMA et al., 2012; ULRICH; EGBERT, 2013; HO et al., 2015; BRANCALEONE; SHINGLES; DELELLIS, 2017), um da República Tcheca (UCHIDA; MARSH; HASHIMOTO, 2015), dois da Macedônia (ARSIC; ZRNZEVIC; KRULJ-DRASKOVIC, 2011; ARSIC; STANKOVIC; ZRNZEVIC, 2015), quatro do Reino Unido (KURKOVÁ; VÁLKOVÁ; SCHEETZ, 2011; AMMONS; EICKMAN, 2011; ELLIS; LIEBERMAN; DUMMER, 2013; CLARK; MESCH, 2016), dois da Coreia do Sul (AKINOGLU; KOCAHAN, 2019; AKINOGLU; KOCAHAN, 2019), um da Espanha (ALTAIEB et al., 2017), dois da Eslováquia (KURKOVÁ; SCHEETZ, 2016; NENCEK, 2016) e um da Romênia (ARSIC; SVETLANA; JASMINA, 2012). Por fim, apenas um artigo foi de origem nacional (ANDRADE; CASTRO, 2017).

Quanto aos métodos e instrumentos de investigação utilizados nos estudos, identificamos nove deles, que são devidamente apresentados na Tabela 2.

Quadro 2. Métodos e instrumentos utilizados nas pesquisas.

Método	Estudo
Entrevista	Kurková, Válková e Scheetz (2011)
Revisão de literatura	Arsic, Zrnzevic e Krulj-Draskovic (2011), Ammons e Eickman (2011)
Questionário	Ho et al (2015), Uchida, Marsh e Hashimoto (2015), Kurková e Scheetz (2016), Nemcek (2016), Andrade e Castro (2017), Brancaleone, Shingles e DeLellis (2017)
Questionário e testes	Ellis, Lieberman e Dummer (2013), Altaieb et al (2017)
Testes (físicos ou psicológicos)	Hartman, Houwen e Visscher (2011), Nakajima et al (2012), Akinoglu e Kocahan (2019), Akinoglu e Kocahan (2019)

Análise comparativa	Arsic, Svetlana e Jasmina (2012)
Análise de documentos	Arsic, Stankovic e Zrnzevic (2015)
Pesquisa demográfica	Clark e Mesch (2016)
Metodologia de ensino	Ulrich e Egbert, 2013

Com relação à idade das amostras os resultados foram diversos, variando de 6 – 19 anos nos estudos referentes à população em idade escolar básica (HARTMAN; HOUWEN; VISSCHER, 2011; ELLIS; LIEBERMAN; DUMMER, 2013; ANDRADE; CASTRO, 2017; ARSIC; SVETLANA; JASMINA, 2012; ARSIC; STANKOVIC; ZRNZEVIC, 2015; NENCEK, 2016), 20 anos em um estudo com estudantes universitários (ALTAIEB et al., 2017), 18-49 anos nos estudos realizados com atletas (KURKOVÁ; VÁLKOVÁ; SCHEETZ, 2011; NAKAJIMA et al., 2012; HO et al., 2015; UCHIDA; MARSH; HASHIMOTO, 2015; CLARK; MESCH, 2016; BRANCALEONE; SHINGLES; DELELLIS, 2017; AKINOGLU; KOCAHAN, 2019; AKINOGLU; KOCAHAN, 2019) e quatro estudos onde não há menção à idade dos participantes (AMMONS; EICKMAN, 2011; ARSIC; ZRNZEVIC; KRULJ-DRASKOVIC, 2011; ULRICH; EGBERT, 2013; KURKOVÁ; SCHEETZ, 2016).

4.2 O surdo

De acordo com Santos, Lima e Rossi (2003), a deficiência auditiva tem como característica uma disfunção sensorial não visível, a qual ocasiona contratempos na detecção e compreensão de sons e que, em razão da natureza multifacetada do ser humano, resulta em sérias implicações ao sujeito.

O diagnóstico precoce da surdez é fundamental para uma intervenção rápida e satisfatória, impactando diretamente no futuro da criança (WEBER E DIEFENDORF, 2001). No Brasil, quase sempre, o reconhecimento das modificações auditivas decorre-se de forma tardia, entre os três ou quatro anos de idade, o que dificulta o prognóstico, já que é nos anos iniciais que a criança carece de referências para obter a linguagem (NAKAMURA; LIMA; GONÇALVES, 2000).

O impedimento de ouvir os sons impossibilita a criança surda de perceber os sons que as pessoas produzem, bem como os que elas mesmas concebem, dessa forma, seu balbucio não é tão abundante quanto o da criança ouvinte, porém, como há a elaboração de sons a família acaba por não suspeitar de prováveis alterações auditivas, então apesar da criança não reagir aos sons do ambiente, interpreta-se que já que ela é capaz de produzir sons é porque é capaz de ouvir e falar corretamente, essa interpretação colabora com o retardo no diagnóstico da surdez (LIMA; BOECHAT; TEGA, 2003).

De acordo com Lima, Boechat e Tega (2003), a desconfiança de surdez acontece em torno dos 12 a 18 meses de vida da criança, no momento em que os pais constatarem que a mesma não está proferindo suas primeiras palavras, o atraso do diagnóstico acontece uma vez que a desconfiança da deficiência auditiva só ocorre no tempo que já há um retardo na formação da linguagem da criança, quando ela para de balbuciar e começa a diminuir cada vez mais a emissão de sons.

Existem diversas maneiras de se investigar clinicamente a audição do recém-nascido e das crianças pequenas, enquanto os procedimentos objetivos não necessitam do retorno do indivíduo, os procedimentos de avaliação comportamental observam o feedback comportamental do sujeito frente aos incentivos auditivos (SANTOS; LIMA; ROSSI, 2003).

O procedimento de avaliação audiológica começa pela anamnese, com as informações de identificação, antecedentes familiares, histórico, desenvolvimento clínico e também são colhidas informações do desenvolvimento motor, auditivo e de linguagem (SANTOS; LIMA; ROSSI, 2003).

As informações obtidas na avaliação audiológica possibilitam categorizar a variação auditiva de acordo com o tipo e grau de perda.

Sobre o tipo de perda, podemos categorizá-las em condutivas, neurosensoriais ou mistas. Na perda auditiva condutiva a causa dá-se em razão de uma modificação na orelha externa (meato acústico) e/ou na orelha média (membrana timpânica, cadeia ossicular, janela oval e redonda e tuba auditiva), já a perda auditiva neurosensorial é ocasionada por variações que atingem a cóclea e/ou o nervo

auditivo, por fim, a perda auditiva mista possui traços tanto condutivos quanto sensoriais (LOPES FILHO, 1994).

Quanto ao grau de perda auditiva, estudos indicam que diferentes autores utilizam diferentes maneira para identifica-lo, o que por consequência leva a várias interpretações do mesmo audiograma, porém, de maneira geral, o grau de perda auditiva é medido através da média aritmética obtida dos limiares tonais das frequências de 500, 1000 e 2000 Hz (ROSSI, 2000).

Russo e Santos (1993, apud ROSSI, 2000) conceituam como perda auditiva em um adulto o limite mínimo de 25dB na média tonal de 500, 1000, 2000 Hz e perda auditiva em crianças o limite de 15dB na média tonal dessas frequências.

O Plano Nacional de Educação Especial (1994) classifica a surdez como leve / moderada quanto é até 70dB, nesse ponto há dificuldade em escutar, porem ainda não impossibilita a pessoa de se expressar de maneira oral ou de notar a voz humana, com auxilio ou sem de aparelho auditivo. E a surdez avançada / profunda é acima de 70dB e aqui já ocorre à restrição do entendimento do indivíduo, com ou sem auxilio do aparelho auditivo, da voz humana.

A característica mais notória da surdez é a ausência da fala, ao não obter a linguagem oral, grande parte dos surdos não consegue adquirir uma língua e esta falta de domínio linguístico por sua vez gera obstáculos na coexistência dos surdos em uma sociedade oral como a atual, bem como dificuldades para a evolução cognitiva e afetiva, afirmando que as pessoas surdas tem um déficit nesses aspectos. Estes pensamentos fundamentam-se numa concepção logocêntrica, isto é, a de que é a fala que possibilita ao homem, ouvinte ou surdo, a capacidade de se desenvolver cognitivamente e estruturar as relações afetivas e emocionais (SILVA, 2003).

A soberania da fala na trajetória dos surdos apresenta-se desde a antiguidade, quando a fala encontrou-se ligada à possibilidade de pensamento do surdo e em meio aos argumentos empregados pelos protetores do oralismo, o mais inabalável destes argumentos referia-se a indispensabilidade do surdo desenvolver a fala, possibilitando assim sua inserção na sociedade ouvinte (SILVA, 2003).

Desenvolver conhecimento está imensamente relacionado à habilidade de obter informações e organizá-la de forma adequada, grande parcela da informação é passada por via de comunicação oral e isso pode significar dificuldades para a criança surda, a linguagem tem propósito de elaborar e regular a atividade humana, dessa forma, a criança surda é capaz de dispor de habilidade intelectual similar a da ouvinte, desde que adquira e internalize uma língua desde jovem (SILVA, 2003).

Gesser (2009) afirma que infelizmente os surdos têm sido vistos de um ponto de vista puramente fisiológico (deficiência auditiva), incluídos em um discurso de normalização e de medicalização, entretanto, convém destacar que não é unicamente o termo utilizado que extingui os preconceitos sociais, estes podem estar mascarados inclusive nas declarações que afirmam abraçar a diversidade e as diferenças.

O surdo não necessita ser oralizado para integrar-se a sociedade ouvinte, entretanto, a oralização deixou resquícios intensos na vida de grande maioria dos surdos, restando vestígios de traumas que alguns surdos vivenciaram em períodos na qual a língua de sinais foi drasticamente negada e censurada. Oralizar é o mesmo que negar a língua dos surdos, é o mesmo que reparação, exigência de treinamentos penosos, insistentes e automáticos da fala (GESSER, 2009).

Alexander Graham Bell foi um grande partidário do oralismo no decorrer do movimento eugênico, principalmente durante o Congresso de Milão de 1880, no qual ele propagava que a surdez tratava-se de uma anormalidade para a sociedade, visto que propagava traços genéticos negativos, nesse contexto, internatos de surdos, casamentos e todo tipo de proximidade entre eles eram proibidos e estas medidas foram entendidas como preventivas, com o intuito de salvar a raça humana. Com seu prestígio na época, Graham Bell colaborou de forma essencial para a rejeição e submissão da língua de sinais (GESSER, 2009).

A língua de sinais trata-se de uma língua visuogestual, desenvolvida pela comunidade dos surdos e de acordo com Lima, Boechat e Tega (2003):

“é composta de movimentos e formatos específicos de mãos, braços, olhos, face, cabeça e postura corporal, que combinados fornecem as características gramaticais

necessárias para a formação de uma língua (fonológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas). É o meio natural de comunicação entre os surdos, e a criança deve ser exposta a ela o mais cedo possível por meio do contato com adulto surdo fluente em situações significativas e contextualizadas.”

Ainda complementa que se trata da única língua que proporciona à pessoa surda acessar totalmente as particularidades linguísticas da fala, assim, a língua de sinais é vital na introdução da criança surda no processo natural da linguagem, por pertencer a uma forma de comunicação acessível (visual-espacial) ao surdo (LIMA; BOECHAT; TEGA, 2003).

A utilização da língua de sinais não prejudica o aprendizado da língua oral como muitos oralistas pregam, o desinteresse dos surdos em aprender a língua predominantemente oral esta relacionada às repreensões e penalidades que os surdos sofreram durante a história, pelo contrário, a inserção da língua de sinais é importante para garantir circunstâncias mais proporcionais na convivência intrapessoal e interpessoal, que, no que lhe concerne, firmam o andamento dos planos cognitivos, afetivos e sociais das pessoas (GESSER, 2009).

Gesser (2009) afirma que existem duas maneiras de encarar a surdez, através da visão patológica ou através da visão cultural. Patologicamente, o surdo é tratado como alguém que possui uma deficiência, que necessita de meios ou de interferências cirúrgicas e tratamentos para fazer-se normal e ingressar como parte da comunidade majoritária da sociedade em que vive, por outro lado, observando a surdez pela visão cultural, não se trata de uma deficiência, mas sim de uma minoria linguística e cultural.

4.3 O esporte

Ao longo da história o homem sempre olhou para corpo, buscando entendê-lo, adequá-lo, transformá-lo, torna-lo atraente e imortaliza-lo (BENTO, 2002). A diminuição da crença da transcendência divina, característica da modernidade e da ciência, nos leva a fixar toda nossa esperança no corpo, na ideia de criá-lo, de

estruturá-lo, de controlá-lo e delinear, de privá-lo das decisões autoritárias das leis da natureza, mantendo-se jovem e não envelhecendo, combater o tempo. (BENTO, 2002).

Bento (2002) diz que “o desporto trata-se de uma forma específica de lidar com a corporalidade, como um sistema de comportamento corporal marcado por normas, regras e convenções socioculturais”. Assim, no desporto o corpo registra na sua essência de corpo biológico e motor uma disposição sociocultural, transforma-se uma obra da cultura desportiva.

Esporte é a palavra utilizada para descrever exercícios físicos realizados individualmente ou de maneira coletiva, que possuem regras e não possui fim utilitarista (FRANCO, 2014).

Duarte (2003) conta que o esporte já era praticado desde tempos longínquos pela humanidade, há registros antigos que provam que o homem primitivo competia através da caça e lutas, com o passar dos anos os homens passaram a competir por status e autoridade dentro da sociedade ou mesmo para demarcar fronteiras culturais e em época de guerras competia-se para ver quem teria o melhor desempenho. Por fim, atualmente, com inexistência de guerras o esporte é realizado com diferentes intenções.

O esporte é um fenômeno social cultural o qual tanto influencia quando sofre influencia da sociedade e muitas vezes seus problemas são os mesmos dessa própria, o esporte ocupa cada vez mais espaço no nosso mundo social, relacionando-se com a vida familiar, educação, política, economia, artes e até mesmo religião (BARBANTI, 2006).

Barbanti (2006) identifica três condições a se considerar no momento de definir esporte, a primeira diz que o esporte engloba tipos determinados de atividades, segundo que ele depende de condições específicas para que possa acontecer e terceiro e último, depende de orientação subjetiva daqueles que estão participando.

Conhecer e aprofundar sobre o tema dos surdos nos esportes tem a intenção de agregar conhecimento ao profissional de educação física que

posteriormente venha a atuar com esse público, podendo muitas vezes ser a ponte entre o surdo e a prática esportiva.

5. DISCUSSÃO

O propósito original da realização desta pesquisa era visualizar através de artigos científicos o panorama geral da relação dos surdos com o esporte, bem como sua participação, seus desafios e diferentes significados para esta comunidade. Ao observarmos que a maioria dos artigos abordaram diferentes temas, analisando desde capacidades físicas, como nível de atividade física, desempenho motor e desenvolvimento do equilíbrio até questões psicológicas como a autoestima, qualidade de vida e relações interpessoais, além de outros temas gerais – mas não menos importantes – como competições escolares de surdos, as Surdolimpiadas e questões de gênero entre os atletas, podemos concluir que essa diversidade foi satisfatória ao propósito do estudo.

Ao somarmos essa variedade de temas com o fato das amostras dos artigos compreenderem desde crianças e adolescentes em idade escolar até atletas ao nível de competição internacional, concluímos que houve também uma variedade da faixa etária atingindo a população quase em sua totalidade, assim, com estes dois fatores unidos o propósito da pesquisa de analisar como se encontra a relação do esporte com a população surda foi atingido.

O artigo de Ammons e Eickman (2011) debate de forma geral sobre o surdo, a cultura surda e as Surdolimpiadas e há pontos importantes a destacar nesse artigo, começando com a diferença de Surdo com S maiúsculo e surdo com s minúsculo que é pouco compreendida – e mesmo desconhecida – pela sociedade.

A primeira opção, o Surdo, refere-se à população surda que faz uso da língua de sinais, que estão inseridas na cultura e na comunidade, enquanto o surdo é utilizado para referir-se a população de surdos em geral, indivíduos com perda de audição. Os autores ainda afirmam que essa distinção entre o entendimento sociocultural das pessoas Surdas e o entendimento medicalizado da condição da

surdez é crucial para qualquer análise que se pretenda realizar com os surdos (AMMONS; EICHMAN, 2011).

Os surdos consideram-se uma minoria cultural e linguística que sofre constante opressão e preconceito assim como outros grupos minoritários, isto posto, o esporte atua de forma significativa na constituição social e psicológica e este é um dos porque a independência das Surdolimpiadas é tão importante para os surdos em diversos países (AMOONS; EICHMAN, 2011).

Ammons e Eichman (2011) deixam claro que independência aqui mencionada significa a desassimilação das Surdolimpiadas com as Paralimpíadas, ou seja, ao esporte deficiente, este equívoco representa um mau entendimento sobre o significado do que é ser surdo e afetou de maneira severa muitas organizações de surdos e sua capacidade de encontrar patrocínio para seus atletas.

A Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) concorda com essa afirmação e reforça que a falta de visibilidade e de reconhecimento dos Jogos Surdolímpicos prejudica os atletas brasileiros a conseguirem patrocínio tanto de empresas publicas quanto privadas e que esse impedimento pode desmotiva-lo e leva-lo a desistência do esporte (CBDS, 2019).

O artigo de Ammons e Eickman (2011) é uma leitura de grande valor para entender não apenas como decorreu o surgimento das Surdolimpiadas, mas também todo o seu propósito e ideais, bem como a inviabilidade em vários aspectos – financeiros, sociais e culturais – que a inclusão das Surdolimpiadas nas Paralimpiadas acarretaria e seu impacto na forma como os surdos são vistos pelo restante da sociedade, ressalta ainda que a importância das Surdolimpiadas não é apenas pelo mero prazer de praticar esportes, mas pela importância do convívio social, fator fundamental para o desenvolvimento e sobrevivência das comunidades surdas.

Kurková, Válková e Scheetz (2011) também destacam em seu artigo o fato de que apesar das Surdolimpiadas serem mais antigas que as Paralimpíadas, a segunda

tem uma frequência muito maior em pesquisas sobre suas atividades, seus esportes e seus atletas.

Fisicamente, os atletas surdos não possuem restrições determinadas e afirmam que sua única e principal diferença são os obstáculos da comunicação. Aqui Kurková, Válková e Scheetz (2011) fazem uma colocação importante de que embora os atletas surdos tenham a preferência pela utilização da linguagem de sinais em competições como Surdolimpiadas e Campeonatos Mundiais e Europeus, atualmente há um crescente número de surdos que não fazem uso da linguagem de sinais e optam pela linguagem oral.

O estudo de Kurková, Válková e Scheetz (2011) traz o dado de que de 77,4% de atletas surdos que participaram de competições com atletas ouvintes, destes, 49,1% disseram que não se importavam e, portanto não tinham preferencia por competições de surdos ou de ouvintes e 13,2% relataram preferir a separação das competições.

A intenção desse artigo era analisar fatores que exercem influencia sobre a participação dos atletas surdos de elite nos esportes segregados ou inclusivos, ou seja, apenas para surdos ou surdos e ouvintes. Através de entrevistas, concluiu-se que o tipo de escola, para surdos ou regular, frequentada pelo atleta quando jovem não afetaram na decisão de praticar ou não esportes, mas sim outros aspectos como a influência dos pais, influência dos treinadores, o uso de aparelho auditivo e o número de oportunidades (KURKOVÁ; VÁLKOVÁ; SCHEETZ, 2011).

A maioria dos pais dos atletas do estudo os incentivavam na pratica esportiva por também serem – ou terem sido - ativos em algum esporte, além disso, outro fator importante que necessita ser destacado aqui é que grande parte das famílias dos atletas eram constituídas de pais e irmãos ouvintes e que havia grande predomínio do uso de aparelhos auditivos por estes atletas (KURKOVÁ; VÁLKOVÁ; SCHEETZ, 2011).

Podemos deduzir que talvez esses fatores sejam de grande peso na hora de escolher a linguagem oral ou a de sinais e quem sabe exatamente por isso os atletas do estudo não se incomodem com competições inclusivas e declarem não haver problemas de comunicação oral (KURKOVÁ; VÁLKOVÁ; SCHEETZ, 2011).

A explicação que o artigo apresenta para a participação desses atletas em competições com atletas ouvintes é pelo fato do número insuficiente de competições para atletas surdos na Europa, assim, estes disputam com ouvintes em competições regulares para terem mais chances de participar do esporte escolhido por eles. Entretanto, houve relatos de socialização negativa nas competições com indivíduos ouvintes o que fez os atletas declararem preferencia pelas competições segregadas, ou seja, embora prefiram às competições segregadas os atletas também priorizam a participação em competições com ouvintes como elemento motivador da pratica, mas principalmente devido à falta de oportunidades, resultando em uma integração forçada entre ouvintes e surdos (KURKOVÁ; VÁLKOVÁ; SCHEETZ, 2011).

O artigo de Kurková, Válková e Scheetz (2011) também traz o dado de que atletas surdos com frequência relatam um sentimento de opressão com relação aos treinadores ouvintes quando acabam por frequentar clubes de ouvintes, aumentando seu sentimento de omissão e exclusão na socialização ao competir e treinar o esporte ao lado de pessoas ouvintes.

Em seu artigo, Brancalone, Shingles e DeLellis (2017) reforçam que há uma associação sobre como os atletas percebem o tratamento dos treinadores e seu relacionamento com os mesmos, contudo, ainda não haviam estudos sobre o serviço de treinamento atlético dos atletas surdos, assim, os autores investigaram a satisfação desses atletas com o serviço de treinamento disponibilizado nas Surdolimpiadas de 2013.

Os resultados indicaram que os atletas ficaram satisfeitos com o treinamento oferecido nas Surdolimpiadas de 2013 e que esse dado é importante para indicar que os treinadores estão oferecendo atendimento adequado durante essas grandes competições (BRANCALEONE; SHINGLES; DELELLIS, 2017), porém, apesar

dessa satisfação com um tratamento temporário, o mesmo não parece ocorrer durante o treinamento diário de acordo com a insatisfação já mencionada por Kurková, Válková e Scheetz (2011) anteriormente.

Clark e Mesch (2016) retomam em sua pesquisa o fato de que mesmo levando em conta o tempo de existência do esporte para surdos este raramente é tema de estudos e afirma que o desfalque é ainda maior quando o tema gênero é somado ao assunto, mesmo nas Surdolimpiadas, como maior competição quadrienal do esporte surdo, não há estudos que analisem a participação feminina nos mesmos.

A literatura que trata do passado e dos desafios da comunidade surda no mundo esportivo ainda é muito limitada, mesmo com a existência de jornais e revistas que atendem aos surdos e que cobrem os campeonatos e realizações atléticas dos mesmos (CLARK E MESCH, 2016). Nesse cenário, as mulheres surdas tem uma dupla luta a enfrentar, sobre o fato de serem surdas em um mundo controlado por ouvintes e por ser mulher em um mundo dominado pelos homens (CLARK E MESCH, 2016).

Da mesma forma que grande parte dos esportes e das grandes competições esportivas como Olimpíadas e Paralimpiadas que possuem o predomínio dos homens, o mesmo ocorre com os esportes surdos e embora as mulheres participem das Surdolimpiadas desde sua primeira edição em 1924, até a Surdolimpíada de 2017 em Samsun na Turquia, a participação das mulheres ainda era de apenas 33,4% e diminuiu ainda mais para apenas 27,4% nas Surdolimpiadas de inverno em 2015 na Rússia (ICSD, 2019).

Clark e Mesch (2016) afirmam que a cobertura realizada pela mídia bem como os relatórios sobre os esportes surdos são ínfimos comparados a outros eventos e que o patrocínio para o esporte surdo, em especial para as mulheres surdas, é um grande empecilho para que estas possam participar, competir e assumir papéis de liderança, estas barreiras aumentam o isolamento, exclusão e invisibilidade feminina nos esportes surdos.

Na pesquisa demográfica realizada em 2014, 11 perguntas sobre as oportunidades de participação no esporte e de liderança foram enviadas as 104 federações de esportes para surdos de quatro regiões(África, Américas, Ásia / Pacífico e Europa), 28 países dos 104 responderem, sendo 14 da Europa, oito da Ásia/Pacífico, quatro da África e dois das Américas (CLARK E MESCH, 2016).

Dos resultados obtidos destacamos que há cerca de 30% de mulheres surdas que praticam esportes e menos de 10% atuam em posições de liderança, a faixa etária destas mulheres é de 21 a 30 anos e de acordo com as federações há 0% de mulheres na faixa etária de 15 a 20 anos o que significa que as meninas surdas não estão sendo contempladas pelo esporte. Os próprios participantes do estudo relataram justificativas pela falta de participação das mulheres nas federações, dentre elas o estigma com relação à surdez, a falta de oportunidade, a falta de apoio financeiro, falta de políticas e legislações nacionais que favoreçam os surdos e a falta de pesquisas e relatos documentados de atletas surdas/com deficiência auditiva (CLARK E MESCH, 2016).

No ano de 2013 a Women Sport International (WSI) - uma organização criada em 1994 com o objetivo de incentivar e aumentar a oportunidade de esportes e atividade física para mulheres e meninas – criou uma força tarefa para lidar com as questões e desafios das mulheres e meninas surdas/deficientes auditivas no esporte. Esta força tarefa juntamente com o WSI fez com que o ICSD (International Committee of Sports for the Deaf), tomasse ciência destas questões e estabelecesse em 2014 na 6ª International Working Group World Conference on Women and Sport (ou 6ª Conferência Internacional do Grupo de Trabalho Internacional sobre Mulheres e Esporte) a Declaração de Brighton sobre Mulheres e Esporte (Brighton Declaration on Women and Sport) (CLARK E MESCH, 2016).

Começando a falar sobre fatores psicológicos dos atletas surdos, Uchida, March e Hashimoto (2015) tiveram dois objetivos de estudo em seu artigo, primeiro investigar se havia associação entre a autoestima dos atletas surdos e o nível de competição esportiva e segundo determinar se idade, tempo de envolvimento com o

esporte e o número de experiências dramáticas vividas no esporte eram de alguma forma preditores de autoestima, tratou-se de um estudo inovados visto que não haviam pesquisas sobre esse tema.

O artigo explica que experiências dramáticas do esporte são aqueles episódios que proporcionam um desenvolvimento psicológico positivo, como por exemplo, a superação de lesões ou falhas (HASHIMOTO, 2005 apud UCHIDA; MARCH; HASHIMOTO, 2015)

A autoestima pode ser descrita como os sentimentos positivos que o indivíduo tem de si mesmo e é uma característica essencial para o autoconceito, uma maneira de melhorar a autoestima de surdos é participar de esportes, visto que isso pode criar um sentimento de pertencimento a uma comunidade (UCHIDA; MARSH; HASHIMOTO, 2015).

Verificou-se que as experiências dramáticas no esporte anteciparam vários componentes de autoestima como a auto- aceitação, auto realização, satisfação com a vida, relacionamentos com outros indivíduos e auto divulgação, entretanto a idade e o tempo de prática esportiva não demonstraram relação, dessa forma, experiências positivas no esporte é um melhor precursor para a autoestima do que idade e tempo de vivencia do esporte (UCHIDA; MARSH; HASHIMOTO, 2015)

Uma explicação para este resultado é que os esportes de competição de alto nível podem influenciar de forma positiva seus atletas surdos, mesmo que estes enfrentem constantemente um ambiente de estresse, os atletas surdos que competem internacionalmente possuem mais chances de construir relacionamentos com outros atletas, treinadores e audiência surda e também de vivenciar um maior número de episódios dramáticos no esporte (UCHIDA; MARSH; HASHIMOTO, 2015).

Da mesma forma que outras competições de grande porte, as Surdolimpiadas exigem um alto desempenho de seus atletas muitas vezes por um período muito extenso de tempo e isso pode levar o mesmo à síndrome de Burnout (HO et al, 2015).

A síndrome de Burnout é fator de estudo da psicologia e da psicologia esportiva em particular, refere-se a exaustão emocional e cinismo que acontece com frequência em indivíduos que exercem algum tipo de trabalho com outras pessoas, uma característica chave dessa síndrome é o aumento da sensação de exaustão emocional e atitudes negativas e cínicas relacionadas aos outros (MASLACH; JACKSON, 1981).

Ho et al. (2015) afirma em seu artigo que o perfeccionismo – a busca de metas irrealistas e a crença de que tudo deve ser feito na perfeição – esta intimamente ligado à síndrome de Burnout e que seja uma característica antecedente do mesmo, mas que não haviam estudos sobre o tema em atletas surdos. O artigo ainda separa o perfeccionismo em duas categorias, perfeccionismo auto orientado e perfeccionismo socialmente prescrito.

O perfeccionismo auto orientado é aquele direcionado a si mesmo, onde a pessoa estabelece um padrão exigente para si próprio e rigorosamente se avalia e se censura, em contrapartida, o perfeccionismo socialmente descrito implica a necessidade de alcançar padrões e expectativas impostas por outros, ele provoca no indivíduo a convicção ou impressão de que as outras pessoas possuem padrões críticos para ele e estão avaliando-o severamente, exercendo pressão sobre ele para ser perfeito (HEWITT; FLETT, 1991).

Ao avaliar se as características auditivas interferiam no perfeccionismo e na síndrome de Burnout, constatou-se que o perfeccionismo socialmente prescrito é um fator positivo ao Burnout e o perfeccionismo auto orientado é um fator negativo, o estudo ao tentar encontrar justificativas para este resultado, indica que os atletas com alto nível de perfeccionismo socialmente prescrito possuíam características debilitantes associadas a problemas de saúde fisiológicos que por sua vez também são indicadores de Burnout (HO et al, 2015).

O artigo conclui que os profissionais devem levar em conta as características do perfeccionismo prescrito socialmente e dessa forma assumirem estratégias que desenvolvam auto aceitação de atletas de maior pontuação nesse

perfeccionismo para que eles se tornem capazes de manter um padrão de desempenho que não o prejudique e ainda completa que faltam pesquisas sobre as questões psicológicas de atletas surdos e que elas são muito importantes para entender os mecanismos psicológicos dos atletas surdos e poder intervir (HO et al, 2015).

Já Altaieb et al. (2017) buscou investigar se um programa de seis semanas de um curso de natação estilo livre influenciava nas habilidades para a vida e no desempenho de natação em estilo livre de universitários surdos, colocando-os em uma situação onde suas habilidades seriam destacadas, tirando o foco de sua deficiência, a conclusão ao final do estudo foi um impacto positivo em ambas as categorias e ainda destaca que os programas esportivos possuem a capacidade de diminuir a dependência e consequentemente desenvolver a independência, auxiliando os surdos a tornarem-se mais fortes tanto fisicamente quanto mentalmente.

A fama universal do esporte como um grande aliado do desenvolvimento físico e social, bem como suas contribuições econômicas, seu êxito em questões educacionais e relacionadas a mobilizações sociais, torna-o instrumento ideal para combater os estigmas frequentemente associados a determinadas populações e proporcionar a socialização, independência, empoderamento e inclusão de deficientes e grupos minoritários como os surdos. Nesse aspecto, o esporte não se trata de um luxo, mas de uma proposta necessária e complementar para incitar a evolução individual e comunitária (ALTAIEB et al.2017)

O artigo de Nemcek (2016) é um estudo que compara tanto a satisfação da qualidade de vida quanto dos domínios da qualidade de vida entre a população com deficiência física e pessoas surdas/deficientes auditivas, compara também a influencia da pratica do esporte nesses indicadores dentro dessas populações, ou seja, houve um grupo de deficientes físicos que praticam esportes e outro que não e um grupo de surdos também praticantes de esportes e outro não, terminando com quatro grupos de investigação.

Ao analisar os resultados os pesquisadores perceberam que aqueles que mais participaram de esportes de forma regular eram homens, deficientes físicos, com idade até 29 anos e em contrapartida, o maior grupo de pessoas que não praticavam esportes consistia em mulheres surdas / deficientes auditivas com idade acima de 30 anos (NEMCEK, 2016). Esse dado reafirma a hipótese da pesquisa de Clark e Mesch (2016) menciona anteriormente, onde a faixa etária de mulheres praticantes era de apenas 21 a 30 anos, a população surda feminina vem sofrendo um desfalque no âmbito esportivo tanto antes dos 20 anos quanto depois dos 30 anos.

De forma geral, concluíram que os surdos / deficientes auditivos estão mais satisfeitos com a qualidade de vida e domínios da qualidade de vida do que os deficientes físicos, independente da participação ou não no esporte, porém ainda assim os autores recomendam a ampliação da participação desses públicos no esporte já que o mesmo pode habilitar esses públicos alvos a atingirem um maior nível de qualidade de vida em seus meios e a estabelecer e alcançar metas (NEMCEK, 2016).

Podemos notar nesse artigo de Nemcek (2016) mais uma vez a característica mencionada por Akinoglu e Kocahan (2019) onde os estudos com surdo são geralmente feitos em comparação com outros públicos e não apenas com eles mesmos.

O artigo de Arsic, Svetlana e Jamina (2012) investiga se o esporte afeta a maturidade social das crianças surdas e se o ambiente social em que residem – em internato em escolas para surdos ou com a família - pode priorizar o seu desenvolvimento. O resultado reforça que participar de esportes é muito importante para a criança surda, já que para estas a baixa socialização acaba impossibilitando a comunicação adequada, mas que por diversas vezes isso é compensado pelo esporte que acaba por incentivar a criança a socializar com seus colegas. Quanto a influencia do ambiente em que a criança reside confirmam que não ocorrem diferenças de grande significado sobre a maturidade social da mesma.

Começando a discutir sobre a parte motora, o artigo de Akinoglu e Kocahan (2019b) destaca que quando ocorrem estudos relacionados ao equilíbrio dos

surdos, estes sempre são um comparativo entre os surdos e pessoas ouvintes ou uma comparação de atletas surdos com indivíduos surdos sedentários, porém, não havia estudos sobre o efeito do treinamento esportivo no equilíbrio e na força muscular de atletas surdos.

Foi realizado então um estudo de duas semanas com atletas surdos da modalidade de Karatê onde estes foram divididos em dois grupos, um realizou treinamento de estabilização isocinética e outro treinamento de equilíbrio, todos os cinco dias da semana por 30 minutos, ao final notou-se que ambos os treinamentos melhoraram tanto a força muscular quanto o equilíbrio dos atletas surdos e que embora houvessem limitações na pesquisa como o fato de não haver um grupo controle ou a impossibilidade de observar os resultados em longo prazo, este foi o primeiro estudo que investigou a força muscular e equilíbrio em atletas surdos e deficientes auditivos profissionais (AKINOGLU;KOCAHAN, 2019b).

Nakajima et al (2012) também estudou sobre o equilíbrio em atletas surdos e adicionalmente realizou testes sobre a função visual, considerada o sentido mais importante para a participação no esporte, este artigo mostrou um resultado normal para os testes de equilíbrio, mas que a acuidade visual dos atletas surdos era melhor em comparação com o grupo controle de indivíduos ouvintes, o que significa que estes atletas de Surdolimpiadas ajustaram seu equilíbrio tão igual ou mesmo melhor que os ouvintes através da acuidade visual dinâmica.

O artigo ainda complementa que os humanos dependem 80% da visão e desde que os surdos não retêm as informações pela via auditiva, isso os obriga a confiarem mais sua noção visual, acabando por aprimorar esse sentido a fim de compensar a ausência de audição e assim cooperando com a função vestibular (NAKAJIMA et al., 2012).

Akinoglu e Kocahan (2019a) afirmam que uma das características mais importantes a pesquisar em atletas surdos é a aptidão física, visto que ela engloba tanto características fisiológicas quanto motoras e como estudos com a população de atletas surdos é limitada há a necessidade de aumentar essa demanda para esclarecer

as características físicas dessa população e com estes resultados auxiliar na criação de novas metodologias e ideias para programas de treinamento para surdos.

Esse estudo envolvia testes de força isocinética, resistência estática e dinâmica, equilíbrio, força de preensão e avaliação corporal - alguns parâmetros da aptidão física exigida à atletas surdos - constatou-se que os testes de força isocinética estavam dentro dos limites normais, alguns parâmetros de resistência estavam baixos, os testes de equilíbrio com olhos abertos obtiveram melhores resultados do que os com olhos fechados, a força de preensão era baixa, a porcentagem de gordura corporal era semelhante a de indivíduos sedentários saudáveis (AKINOGLU; KOCAHAN, 2019a)

Contudo, os próprios pesquisadores afirmam limitações sobre este estudo como o fato de não haver um grupo controle de indivíduos surdos sedentários ou mesmo um grupo de atletas sem deficiência, dessa forma, sem estudos adicionais é difícil determinar se estes resultados são satisfatórios ou não e se são eficazes em contribuir para um plano de treinamento (AKINOGLU;. KOCAHAN, 2019a)

Os estudos de Arsic, Zrnzević e Krulj-Dražković (2011) e Arsic, Stankovic e Zrnzevic (2015) mostram uma grande preocupação com o aumento da obesidade - e outras doenças relacionadas - e com a realidade dos jovens cada vez se interessarem menos por atividades físicas e mais por jogos eletrônicos e tecnologia, afirma que eles não demonstram interesse e uma vida mais ativa e seus estudos buscam coletar dados para melhorar o esforço em atingir a saúde da nação através das atividades esportivas e prega que as escolas são importantes locais para se incluir atividades físicas e esportes para contribuir com a melhora do estilo de vida.

Arsic, Zrnzević e Krulj-Dražković (2011) conta que grande parte das escolas da Sérvia responsáveis pelo ensino primário e secundário – assim como escolas para surdos – contam com seus próprios clubes de atletismo, organizados pelo professor de educação física e que participam de competições com outras escolas, enfatiza que as crianças que praticam esportes sentem-se melhor e mais pertencentes ao grupo e ainda são menos prováveis de tornarem-se adultos obesos.

O atletismo proporciona que a criança surda interaja com outras crianças da mesma idade e com interesses em comum, melhorando suas habilidades sociais para a vida e que essa experiência esportiva será um exemplo positivo a ser seguido quando a criança se deparar com demais desafios e adversidades no decorrer da vida. Um ponto interessante de se observar é que na Sérvia existem os “school sports games” ou “jogos esportivos escolares” para crianças e adolescentes surdos, com objetivo de incentivar os esportes para os indivíduos surdos e com deficiência auditiva em idade escolar, além de promover a responsabilidade, amizade e uma vida saudável (ARSIC; ZRNZEVIC; KRULJ-DRASKOVIC, 2011).

Arsic, Stankovic e Zrnzevic (2015) comparam os resultados destes atletas juniores da Sérvia nas competições escolares com resultados de atletas juniores de outros países – Montenegro, Croácia, Eslovênia, Turquia, Macedônia, EUA, Bulgária e os resultados do mundial júnior de atletismo - os resultados das quatro modalidades de atletismo analisadas (corrida de 100m, salto em altura, salto em profundidade, arremesso de bola) foram satisfatórios de maneira geral. Ressalta também que os pais das crianças surdas que também eram surdos possuem uma posição mais positiva em relação aos benefícios dos esportes de seus filhos e que estes participavam com maior frequência das competições do que aqueles com pais ouvintes.

Assim como Arsic, Zrnzević e Krulj-Dražković (2011) e Arsic, Stankovic e Zrnzevic (2015), a Organização Mundial da Saúde (OMG) é vigilante quanto ao fato do aumento desenfreado do sedentarismo e com a inatividade física atingindo o quarto lugar dos principais fatores de risco a saúde e que por isso a atividade física é agora constante alvo de pesquisas e de formação de estratégias pelos órgãos que gerem as comunidades, entretanto, determinadas comunidades e populações sofrem de carência nos estudos relacionados a estas questões, como é o caso dos adolescentes surdos que residem no Brasil (ANDRADE; CASTRO, 2017).

Para analisar essa situação, o artigo de Andrade e Castro (2017) verifica o nível de atividade física dos adolescentes surdos e os compara com de adolescentes ouvintes através do Questionário de Atividade Física para Adolescentes (QAFA). Este

questionário engloba questões de atividades físicas que possuem relação com esporte a o deslocamento do individuo da própria casa até a escola, calculando o tempo gasto nessas praticas.

Em seu resultado, o artigo trouxe que os adolescentes surdos são mais insuficientemente ativos comparados aos adolescentes ouvintes, entretanto, traz algumas consideração sobre esse resultado. Primeiramente o fato dos estudos com surdos serem ínfimos e em seguida que os surdos não possuem limitações físicas para as práticas esportivas, o que sugere que outros fatores podem estar interferindo na não realização das mesmas por essa população, como falta de informação, de acesso ou mesmo falta de vontade (ANDRADE; CASTRO, 2017).

Pode significar também uma consequência de uma infância com pouca vivência motora e, por conseguinte, um desenvolvimento desfalcado, de qualquer maneira, este resultado também deixa evidente a necessidade de debater sobre os programas e ações esportivas voltadas para o adolescente surdo brasileiro, se elas existem e se estão acontecendo do modo eficaz (ANDRADE; CASTRO, 2017).

Como o artigo de Andrade e Castro (2017) sugere, a falta de inatividade do adolescente surdo pode ser resultado de uma infância pouco estimulada, para combinar com essa ideia, o artigo de Ellis, Lieberman e Dummer (2013) investiga a influência dos pais nos hábitos de atividade física de seus filhos surdos.

O artigo destaca que muitas vezes crianças surdas são diagnosticadas com atraso de desenvolvimento motor comparadas com crianças ouvintes, mas que estes atrasos podem ser sanados com o aumento da participação da atividade física, destacando apenas a falta de incentivo e as circunstancias ao redor das crianças como causa desse déficit, entretanto, ainda não havia sido investigado a influencia que os pais causam nesse nível de atividade física da criança surda (ELLIS; LIEBERMAN; DUMMER, 2013).

Ao analisar os resultados foi possível observar que a participação esportiva é maior quando ambos os pais da criança são surdos quando comparada a criança

onde ambos os pais são ouvintes, a estimativa de quando um pai é surdo e outro ouvinte não foi mencionada devido ao baixo índice (ELLIS; LIEBERMAN;. DUMMER, 2013)

Esse resultado pode estar relacionado ao fato de que provavelmente estes pais surdos também estejam envolvidos no esporte surdo o que é um grande fator incentivador, assim como a melhor comunicação pai surdo-filho surdo. Os autores ainda acrescentam que mais estudos devem ser feitos sobre tema não apenas para analisar o incentivo dos pais, mas também sua forma de comunicação com o filho, indicando que este é um fator muito importante para uma criança surda (ELLIS; LIEBERMAN; DUMMER, 2013).

A comunicação com os surdos não é apenas uma questão importante em casa, mas também nos ambientes escolares. O artigo de Kurková e Scheetz (2016) analisa as formas de comunicação entre treinadores e professores de educação física em escolas para surdos dos Estados Unidos e traz pontos como tornar-se fluente na língua de sinais, chamar a atenção do aluno antes de começar a explicação e fazer uso de vídeos quando necessário como algumas sugestões, embora muitos professores e treinadores indicassem dificuldades no cumprimento desses pontos.

Kurková e Scheetz (2016) afirmam que a surdez é a única “deficiência” (aspas colocadas pelos autores, sugerindo que eles não concordam com esse termo medicalizado) onde indivíduos ouvintes são tão incapazes quando os surdos, pois se um ouvinte não conhece a língua de sinais ele se torna tão sem reação quanto o indivíduo surdo que não faz uso da fala na comunicação, essa crise de comunicação acontece porque os dois indivíduos não dispõem de determinadas habilidades.

Seja em escolas regulares ou escolas para surdos, a comunicação adequada pode ajudar em uma cooperação mútua dentro da sala e da escola, aliviando ou eliminando prováveis sentimentos de exclusão social dos surdos ou com deficiência auditiva. Obstáculos comunicativos podem fazer com que os alunos surdos não

tenham possibilidades suficientes no dia a dia escolar para uma integração social e assim desenvolver a língua de sinais ou mesmo a linguagem falada (KURKOVÁ; SCHEETZ, 2016).

Kurková e Scheetz (2016) ressaltam que os surdos cada vez mais estão sendo incluídos na educação geral e isso gera a inevitabilidade dos professores e treinadores tomarem consciência do que culturalmente significa ser surdo e necessidade de familiarização com técnicas e estratégias de ensino e comunicação para incluir cada vez mais os surdos em esportes de equipe.

Hartman, Houwen e Visscher (2011) trazem duas questões em seu estudo, a primeira refere-se a um comparativo entre crianças surdas e ouvintes, indagando se as primeiras possuem habilidades motoras menores comparadas as segundas, já a segunda questiona se o esporte aumenta as habilidades motoras das crianças surdas praticantes em relação às crianças surdas que não realizam nenhum esporte.

As crianças surdas obtiveram um desempenho motor inferior quando comparadas com a amostra de crianças ouvintes, entretanto, as crianças surdas que praticavam esportes obtiveram um melhor resultado nas habilidades com bola e no equilíbrio dinâmico confrontadas com as crianças surdas que não realizavam nenhuma prática, considera-se que mesmo um conjunto de habilidades motoras distintas pode ser positivo para a participação no esporte e este artigo atesta que a melhora do desempenho das atividades motoras das crianças surdas pode colaborar de forma positiva para sua atuação esportiva (HARTMAN; HOUWEN; VISSCHER, 2011).

O artigo de Ulrich e Egbert (2013) é o único da pesquisa que sugere uma metodologia de ensino, algo devidamente sinalizado, para o ensino da esgrima olímpica para surdos. Os autores deixam claro que já existe uma história de surdos na esgrima com alguns medalhistas Olímpicos como Uslaky-Rejto, cinco vezes medalhista olímpica de 1960 a 1976, mas que o processo de ensino desses atletas não foi devidamente documentado.

Após uma revisão de literatura, os autores constataram não haver uma forma de ensino adequada aos surdos que fosse visualmente satisfatória e reconhecida pela comunidade de esgrima, embora esta já possua alguns sinais visuais, principalmente manuais, quando em ambiente de competição, esgrimistas de forma geral já se comunicam de forma não verbal. Entretanto, quando em ambiente de ensino ou treino, geralmente o treinador explica a lição verbalmente enquanto demonstra ao mesmo tempo, é um procedimento visual e auditivo e mesmo que este esteja com a máscara, ele ainda pode ser ouvido pelo aluno / atleta, mas seu rosto não é visto (ULRICH; EGBERT, 2013).

O ambiente de esgrima não necessita de modificações, mas pode ser um local barulhento devido a ecos e isso pode atrapalhar o indivíduo que estiver fazendo uso de aparelhos auditivos, quanto ao equipamento, a única modificação sugerida é em relação ao sistema de pontuação que atualmente posicionado para o árbitro para indicar o toque, os atletas apenas seguem o comando do árbitro para interromper ou continua, um sinal visual deveria ser posto para que o esgrimista também possa visualizar quando o ponto for feito (ULRICH; EGBERT, 2013).

É na terminologia e no sistema de sinais visuais onde as alterações estão concentradas, a sugestão para a terminologia é fazer uso de imagens, vídeos e legendas para ensinar os termos, enquanto aos sinais visuais deverão ser basicamente sinais manuais com a mão sem esgrima somada com sinais já existentes, ou seja, o sistema proposto é uma soma de sinais visuais do esporte, sinais da linguagem americana de sinais e gestos naturais. Esse sistema proposto visa aumentar a comunicação ensino – aprendizagem (ULRICH; EGBERT, 2013).

Apesar da diversidade de temas abordados nos artigos selecionados para esta pesquisa, muitos deles trazem diversos questionamentos em comum, destacando benefícios físicos, psicológicos e metodológicos do esporte para o indivíduo surdo ou deficiente auditivo, ainda assim, apesar da interdisciplinaridade de objetivos dos artigos o fator de quase unanimidade em todos eles foi o fato das pesquisas serem tópicos inéditos de estudos com surdos em seus respectivos campos, demonstrando

claramente o desfalque de estudos que esta população vem sofrendo. Isso demonstra o tamanho potencial que esse campo de estudo ainda apresenta com relação a pesquisas e intervenções, ainda mais no cenário brasileiro demonstrado pelo único artigo encontrado em português.

6. CONCLUSÃO

O objetivo essencial desse estudo foi alcançado com a investigação de 19 artigos que relacionavam o esporte com a pessoa surda. A intenção de discutir e apresentar um cenário geral de como os surdos atletas e surdos praticantes de esportes estão sendo referenciados na literatura foi atingido através da pluralidade de temas apresentados nas publicações, embora tenha sido encontrada uma grande lacuna na investigação do tema no cenário brasileiro com apenas um artigo selecionado.

Ao longo da evolução dessa pesquisa foi possível o debate sobre alguns temas já esperados, como a influência do esporte no aspecto motor e social do indivíduo surdo e mesmo sobre as Surdolimpiadas, por outro lado, outros temas inesperados foram integrados como questões de gênero, propostas de metodologia de ensino do esporte, competições escolares para surdos e os diferentes modos como os países enxergam o esporte surdo.

A questão da comunidade surda, da sua condição como grupo linguístico cultural minoritário, também ter sido abordada com frequência nos artigos demonstrou a grande importância desse tópico, bem como a provável necessidade de que a comunidade ouvinte tenha mais entendimento e conseqüentemente maior respeito pela mesma.

O também grande número de vezes que os artigos afirmaram serem inéditos com a população surda também deixa claro a negligência da comunidade acadêmica para com esse público, pesquisas são necessárias para analisar o perfil de determinados indivíduos e assim coordenar possíveis intervenções, no caso do esporte, sem as pesquisas fica inviável descobrir onde estão os erros e problemas, ou mesmo os acertos, para poder assim intervir, a população surda tem claramente uma grande lacuna nesse aspecto.

A influência dos profissionais de educação física, tanto professores de educação física quando treinadores, sob a população surda também se torna evidente ao constatar que é o professor ou técnico que muitas vezes será o responsável pela inserção do surdo no esporte ou pela sua continuidade e melhoria no mesmo, bem como o incentivador da sua socialização com os colegas e mediador entre o mundo surdo e mundo ouvinte, para isso, é necessário que o profissional de educação física esteja ciente de todas essas questões – a cultura, as vantagens da prática, a ausência de fontes literárias - que envolvem o surdo e o esporte.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia demonstrou a relação ainda em crescimento da pesquisa científica sobre o esporte e o universo dos surdos, fornecendo uma visão geral dessas pesquisas.

Reafirmo a necessidade de mais reflexão sobre o tema a fim de evitar equívocos que contribuíam para a exclusão dos surdos no esporte e na sociedade, para isso ressalta-se a necessidade de mais pesquisas com esse público, principalmente pesquisas nacionais. Aspectos como as questões de gênero dentro do esporte surdo, suas dificuldades advindas da falta de visibilidade, pesquisas comparativas com grupo controle de surdos e não de ouvintes, influência e incentivo da família e do treinador na prática esportiva são algumas das sugestões para estudos futuros.

E ainda, aos profissionais do esporte, treinadores e professores de educação física, afirma-se a necessidade de conhecer não apenas sobre o tema especificamente, mas também sobre o surdo de forma geral, como indivíduo pertencente a minoria sociocultural e linguística muitas vezes marginalizada e que pode vir a ser beneficiado pela prática esportiva contanto que nós intervenhamos da maneira correta, com seriedade e competência, sempre respeitando o outro.

Este estudo contribuiu para expandir o conhecimento sobre o tema e reafirmar o que muitos artigos encontrados salientaram: a necessidade de mais pesquisas nessa área. Pesquisas são necessárias para desassociar certos pré-conceitos que estão enraizados na sociedade com relação aos surdos e o esporte, ainda mais em uma sociedade que caminha atualmente pregando constantemente um discurso de diversidade e inclusão.

REFERÊNCIAS

AKINOĞLU, B.; KOCAHAN, T. The effect of deafness on the physical fitness parameters of elite athletes. **Journal of Exercise Rehabilitation**, 2019a, 15.3: 430-438.

AKINOĞLU, B.; KOCAHAN, T. Stabilization training versus equilibrium training in karate athletes with deafness. **Journal of exercise rehabilitation**, 2019b, 15.4: 576

ALTAIEB, M. H. A., et al. The impact of an educational course for swimming on free style swimming performance and life skills for deaf students. **Journal of Human Sport and Exercise**, 2017, 12.4: 1265-1277.

AMMONS, D.; EICKMAN, J. Deaflympics and the Paralympics: eradicating misconceptions. **Sport in society**, 2011, 14.9: 1149-1164.

ANDRADE, L. F.; CASTRO, S. S.. Níveis de atividade física: um estudo comparativo entre adolescentes surdos e ouvintes. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, 2017, 23.5: 371-374.

ARSIĆ, R.; ZRNZEVIĆ, N.; KRULJ-DRAŠKOVIĆ, J. Comparasion sports results deaf students reached at the school shampionships. **Activities in Physical Education & Sport**, 2011, 1.2.

ARSIC, R.; SVETLANA, S.; JASMINA, K. Sports activities as a factor in socialization of deaf students. **Journal of Physical Education and Sport**, 2012, 12.1: 3.

ARSIĆ, R.; STANKOVIĆ, V.; ZRNZEVIĆ, N. An analysis of the results achieved by deaf male and female athletes from around the world in certain athletes disciplines. **Research in Kinesiology**, 2015, 43.1: 42-46.

BARBANTI, Valdir. O que é esporte?. **Revista brasileira de atividade física e saúde**, 2006, 11.1: 54-58.

BENTO, J.O. Da saúde, do desporto, do corpo e da vida. In: BARBANTI, V. J.; BENTO, J. O.; MARQUES, A. T.; AMADIO, A. C(Orgs.). **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida**. São Paulo, Manole, 2002.

BOTELHO, L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**. Belo Horizonte, v.5, n. 11, p. 121-136 · maio-ago. 2011 · ISSN 1980-5756. Disponível em: <<http://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220/906>>. Acesso em 15 setembro 2019.

BRANCALEONE, M. P.; SHINGLES, R. R.; DELELLIS, N. Deaflympians' Satisfaction With Athletic Training Services at the 2013 Deaflympic Summer Games. **Journal of athletic training**, 2017, 52.7: 708-718.

CLARK, B.; MESCH, J. A global perspective on disparity of gender and disability for deaf female athletes. **Sport in Society**, 2016, 21.1: 64-75.

DUARTE, O. **História dos esportes**. 4ed. São Paulo: Senac, 2003

ELLIS, M. K.; LIEBERMAN, L. J.; DUMMER, G. M. Parent influences on physical activity participation and physical fitness of deaf children. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, 2013, 19.2: 270-281.

FRANCO, M. A. R. Esportes surdos na constituição do ser social: o resgate histórico sob a perspectiva da educação ambiental. 2014. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. Parábola Ed., 2009.

HARTMAN, E.; HOUWEN, S.; VISSCHER, C. Motor skill performance and sports participation in deaf elementary school children. **Adapted Physical Activity Quarterly**, 2011, 28.2: 132-145.

HEWITT, P. L.; FLETT, G. L. Dimensions of perfectionism in unipolar depression. **Journal of abnormal psychology**, 1991.

HO, M. SH, et al. Examining the relationship between perfectionism dimensions and burning out symptoms in deaf and hearing athletes. **Journal of Clinical Sport Psychology**, 2015, 9.2: 156-172.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 out. 2019.

ICSD, International Committee Of Sports For The Deaf. The International Committee of Sports for the Deaf. Disponível em: <<http://www.ciss.org/>>. Acesso em: 05 out. 2019.

KURKOVÁ, P.; VÁLKOVÁ, H.; SCHEETZ, N. Factors impacting participation of European elite deaf athletes in sport. **Journal of Sports Sciences**, 2011, 29.6: 607-618.

KURKOVÁ, P.; SCHEETZ, N. A. Communication strategies used by physical education teachers and coaches in residential schools for the deaf in the US. **Acta Facultatis Educationis Physicae Universitatis Comenianae**, 2016, 56.1: 1-15.

LIMA, M. C. M. P.; BOECHAT, H. A.; TEGA, L. M. Habilitação fonoaudióloga da surdez: uma experiência no Cepre/FCM/Unicamp. In: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2003. p. 41-53.

LOPES FILHO, O. Deficiência auditiva. In: LOPES FILHO, O.; CAMPOS, C.H. **Tratado de otorrinolaringologia**. São Paulo, Roca, 1994.

NAKAJIMA, Y., et al. Evaluation of vestibular and dynamic visual acuity in adults with congenital deafness. **Perceptual and motor skills**, 2012, 115.2: 503-511.

NAKAMURA, H. Y.; LIMA, M. C. M. P.; GONÇALVES, V. M. G. Ambulatório de Neurodiagnóstico da surdez: papel da equipe multidisciplinar. In: LACERDA, C. B. F.; NAKAMURA, H. Y.; LIMA, M. C. M. P. **Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngue**. São Paulo, Plexus, 2000.

NEMČEK, D. Quality of life of people with disabilities from sport participation point of view. **Acta Facultatis Educationis Physicae Universitatis Comenianae**, 2016, 56.2: 77-92.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. **Journal of organizational behavior**, 1981, 2.2: 99-113.

POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Livro 1/mec/seesp – Brasília: a Secretaria, 1994. 66f.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVAO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 17, n. 4, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 setembro 2019.

MOREIRA, L. R. Manual de revisão bibliográfica, sistemática e integrativa: a pesquisa baseada em evidências. Belo Horizonte: **Anima educação**; 2014.

ROSSI, T. R. F. Brincar: uma opção para a interação entre mãe ouvinte/filho surdo. 2000. 167 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SANTOS, M. F. C.; LIMA, M. C. M. P.; ROSSI, T. R. F. Surdez: Diagnóstico Audiológico. In: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2003. p. 17-40.

SILVA, A. B. de P. Surdez, inteligência e afetividade. In: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2003. p. 89-97.

UCHIDA, W.; MARSH, H.; HASHIMOTO, K. Predictors and correlates of self-esteem in deaf athletes. 2015.

ULRICH, R.; EGBERT, L. Teaching Olympic Fencing to the Deaf: Identifying and Addressing a Gap in Teaching the Sport. **International Journal of Sport & Society**, 2013, 3.4.

WEBER, B. A.; DIEFENDORF, A. Triagem auditiva neonatal. In: MUSIEK, F. E.; RINTEMANN, W. F. **Perspectivas atuais em avaliação auditiva**. São Paulo: Manole, 2001. p. 323-341.

WSI, Women Sport International. Women Sport International - The global voice of research-based advocacy for women in sport. Disponível em: <<http://womensportinternational.org/>>. Acesso em: 13 nov. 2019.